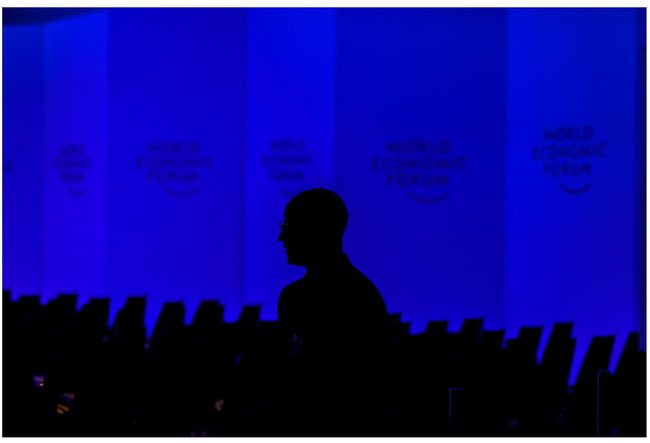
Davos e a ruptura da Ordem Internacional

Conjuntura / 27 de agosto de 2026 / Conjuntura



Conjuntura | Fernando Speggiorin Martini e Helena Magnabosco Camillo, de Relações Internacionais, escrevem sobre o crescimento da competição entre os países e a dificuldade de frear as grandes potências

**Foto: Participante circula pelo Forum Econômico Mundial, em Davos-Klosters/2026 (Foto: Jason Alden/Forum Econômico Mundial)*

No início deste ano, na Suíça, ocorreu a reunião anual do Fórum Econômico Mundial reunindo líderes políticos e a elite da alta finança mundial. Com o tema **"Um Espírito de Diálogo"**, foram promovidos diversos painéis que trataram do **estado da arte** da economia mundial, com destaque para o impacto das novas tecnologias de **inteligência artificial** e o **comércio internacional**, mas não passaram ao largo do Fórum as **disputas** geoestratégicas que ocuparam posição central na agenda dos debates.

Poucos dias antes do início do fórum, o presidente estadunidense Donald Trump manifestou publicamente o interesse dos Estados Unidos em adquirir a Groenlândia, movimento que exerceu forte pressão política sobre a União Europeia e seus países-membros, gerando reações negativas e grave insatisfação com a postura estadunidense. Esse episódio somou-se a outros fatores relevantes, como a continuidade da Guerra na Ucrânia, as tensões políticas na Venezuela e a crise interna no Irã, conformando um **pano de fundo** internacional que deu o tom dos discursos dos líderes políticos.

Como efeito, um dos momentos aguardado com maior expectativa foi o discurso de Donald Trump. O presidente reforçou uma característica já conhecida de sua atuação política, associada à capacidade de concentrar a atenção a partir de um controle da agenda pública com pautas polêmicas, como foi o caso da Groenlândia. Com a mídia internacional voltada para si, Trump utilizou o espaço como plataforma de autopromoção. O mandatário dos EUA alternou elogios às realizações de seu próprio governo com ameaças contra diferentes alvos, num discurso pouco linear com um tom muito mais moderado do que se temia possível.

> *Porém, sem dúvida, o momento de maior relevo do Fórum foi o **discurso de Mark Carney,** primeiro-ministro do Canadá. O alvo do discurso foi a política externa de Trump. Segundo Carney, a agenda dos EUA se aproveita de uma estrutura construída ao longo de décadas, que promoveu a globalização a partir da hegemonia americana. Hoje, essa estrutura é usada para chantagear e coagir países que até então se favoreciam dos bens trazidos por ela.*

O discurso do canadense teve uma relevância ainda maior por ter sido realizado justamente em Davos, o que confere um aspecto simbólico muito significativo: uma crítica feita diretamente na reunião da elite financeira do planeta, que em muito se beneficiou da hegemonia americana para prosperar economicamente.

Carney iniciou seu discurso em Davos com conceitos próprios do campo das Relações Internacionais, recorrendo explicitamente a termos como competição entre as grandes potências, evocando inclusive **Tucídides** e o **diálogo de Melos**. A frase mais impactante de sua fala foi "para ser direto: estamos em meio a uma ruptura, não a uma transição". A ruptura apontada por Carney corresponde à constatação de um processo irrevogável em que a ação das grandes potências não é limitada por acordos ou regras, mas pelos seus interesses. O meticuloso xadrez verbal do canadense fez um contraponto direto à política externa de Trump, que semanas atrás afirmou que a única limitação para seu poder global era a sua **moralidade**.

Contudo, ainda que o discurso tenha sido cuidadosamente elaborado e tecnicamente consistente, o realismo assumido por Carney foi acompanhado de uma sinceridade politicamente tardia, que evidencia as contradições de uma ordem internacional apenas no momento em que ela deixa de lhe ser funcional. A aparente coragem de tornar público o que já se mostrava incontornável pode ser interpretada mais como um ato político orientado a confrontar Trump do que um arroubo de virtude.

Apesar do indubitável efeito político da manifestação de Carney e do mérito em fazer um diagnóstico **realista**, não há novidade naquilo que ele exprime. Desde Porto Alegre – não por acaso sede do primeiro **Fórum Social Mundial** –, o **Professor Paulo Visentini** vem destacando a necessidade de uma abordagem "**realmente realista**" para se compreender o mundo em que vivemos. Visentini assinala que, com o retorno de Trump e os efeitos da Guerra da Ucrânia, o resultado inevitável é a emergência de uma **multipolaridade instável**, isto é, um mundo no qual a competição entre as grandes potências se dá com instabilidade estratégica e o acirramento de conflitos e disputas.

Passados cerca seis meses do fórum de Davos, o **discurso de Carney** pode ser compreendido como um marco simbólico da ruptura do reconhecimento explícito do risco ao uso da força na política internacional. Desde o pronunciamento do canadense, ampliou-se a percepção de que o mundo atravessa um período de elevada instabilidade, percepção reforçada pela recorrência dos conflitos armados e pelo comportamento irrefreável das Grandes Potências. Tais elementos evidenciam que a chamada **ordem internacional baseada em regras** encontra dificuldades crescentes para limitar as ações das **Grandes Potências**. Nesse sentido, impõe-se a constatação de que as restrições efetivas ao poder dos Estados, particularmente das grandes potências, decorrem fundamentalmente da correlação de forças existente no sistema internacional e da autocontenção produzida pelo cálculo de seus próprios interesses.

> *O momento presente é marcado pelo recrudescimento da competição interestatal, evidenciado, entre outros acontecimentos, pela guerra envolvendo o **Irã, Israel e os Estados Unidos**, conformando uma dinâmica de elevada instabilidade e revelando, simultaneamente, os limites objetivos do multilateralismo quando dissociado das reais capacidades dos Estados.*

Também é possível sustentar que a crítica de Carney se dirige a uma estrutura cuja continuidade dependeu, em larga medida, da tolerância histórica do Ocidente à reprodução de desigualdades e mobilização seletiva de valores, conforme critérios de conveniência política. Entretanto, a constatação de que a ordem internacional vem sendo progressivamente tensionada em sua capacidade de prevenir conflitos não implica reconhecer a inviabilidade ou a indesejabilidade do multilateralismo. Indica, contudo, que o multilateralismo e o respeito à soberania dos Estados não se sustentam exclusivamente no plano discursivo, tampouco se consolidam por meio de idealizações dissociadas das correlações de força efetivamente existentes.

Há quase noventa anos, Edward H. Carr também procurou compreender uma ordem internacional em crise. Publicada em 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, sua obra ***Vinte Anos de Crise*** examinou as contradições da ordem constituída no período posterior à Primeira Guerra Mundial e destacou a insuficiência de concepções políticas afastadas das relações concretas de poder. Essa obra paradigmática, que nos convida à releitura para compreender o momento atual – especialmente considerados os persistentes desafios da economia mundial e do processo de globalização desde a Crise de 2008 –, percebeu com grande clareza os tenebrosos rumos que o mundo tomava naquele tempo, e nos serve de alerta para uma possível repetição dos mesmos eventos do passado.

Evidentemente, não há como determinar quais serão os desdobramentos da atual conjuntura. A gravidade do recrudescimento das disputas geopolíticas, associada à multiplicação dos conflitos e à deterioração dos mecanismos de concertação internacional, contudo, indica a formação de um período de significativa instabilidade. Constitui verdadeiro desafio para uma humanidade compreender que, a despeito de sua insanidade, as guerras continuam a ocorrer – e, como já **escreveu Camus**, "os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós" –, e por isso, talvez só mais adiante se perceba a gravidade do alerta emitido por Carney.

. . .

Fernando Speggiorin Martini é mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS e **Helena Magnabosco Camillo** é graduanda em Relações Internacionais pela UFRGS. Integram o Grupo de Estudos Amazônicos e Pesquisas em Relações Internacionais, na UFRGS, e são pesquisadores associados do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia, o **Isape**.

Periodicamente, profissionais de diversas áreas ligados à UFRGS escrevem sobre política, economia, relações internacionais e outros temas relacionados à conjuntura. A seção tem curadoria de Tatiany Lukrafka.

. . .

Veja mais conteúdos da coluna Conjuntura

As opiniões expressas nos textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem o posicionamento editorial do JU ou da UFRGS.

Social Share Buttons and Icons powered by Ultimatelysocial